



Mulheres quilombolas como lideranças locais para vigilância das condições de saúde em seus territórios: experiência no Quilombo Marinheiro no Piauí

Quilombola women as local leaders for monitoring health conditions in their territories: experience in the Marinheiro Quilombo in Piauí

CASTRO, Valéria; NASCIMENTO, Elaine; ALMEIDA, Márcia; HONORATO, Maria Gabriela; SILVA, Rosymeire

Fundação Oswaldo Cruz -RJ valeria.castro@fiocruz.br; Fundação Oswaldo Cruz (Piauí) e PPGPP/UFPI, elaine.nascimento@fiocruz.br; Secretaria de Saúde de Piripiri (PI) e PPGPP/UFPI, galvaomarcia81@gmail.com; Associação de Moradores do Quilombo Marinheiro (PI), franciscagabriella@icloud.com; Associação de Moradores do Quilombo Marinheiro (PI) rosymeires218@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Saúde e Agroecologia

Resumo: Este trabalho apresenta a experiência técnica de um levantamento das condições de educação e saúde para a territorialização de políticas públicas sob uma perspectiva de gênero no Quilombo Marinheiro, situado na cidade de Piripiri (PI). Nessa experiência, focou-se no protagonismo feminino e na ancestralidade como referência para organização dessas mulheres. Por meio de uma parceria entre profissionais da Fundação Oswaldo Cruz, da Secretaria de Saúde de Piripiri (PI) e da Associação de Moradores do Quilombo Marinheiro, foi discutido um roteiro de observação de campo e rodas de conversa com o intuito de sistematizar informações sobre as condições de saúde e educação no território, além de incentivar a mobilização popular feminina em torno dessas questões. Através desse levantamento, buscou-se desenvolver metodologias educacionais híbridas, que contribuíssem para o fortalecimento de práticas de saúde sustentáveis e participativas junto às populações vulneráveis em territórios mais distantes dos principais centros urbanos, promovendo assim o bem viver.

Palavras-Chave: protagonismo feminino; educação quilombola; tecnologias educacionais em saúde.

Contexto

Este trabalho apresenta uma experiência técnica ocorrida no Quilombo Marinheiro (QM), localizado na cidade de Piripiri, no estado do Piauí, entre setembro de 2022 e fevereiro de 2023, com vista a desenvolver projetos territoriais de educação em saúde que possam contribuir para melhorar as condições de saúde e enfrentamento as desigualdades sociais, especialmente entre mulheres negras de quilombos. Essa atividade foi coordenada em parceria por uma pesquisadora da FIOCRUZ (RJ) e duas pesquisadoras do Piauí, uma do Escritório Regional da FIOCRUZ-PI e outra da Secretaria de Saúde de Piripiri (PI). A atividade de campo foi realizada por moradoras do território quilombola por meio de uma bolsa de atividade de campo promovida pelo Programa Mulheres e Meninas na Ciência da Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação (VPEIC).

Teve como objetivo geral contribuir para capacitação de mulheres quilombolas como lideranças locais para vigilância das condições de saúde em seus territórios e como



objetivos específicos: 1) realizar um levantamento socioterritorial no QM sobre as condições de educação e saúde dessa população; 2) contribuir para formulação de políticas públicas de saúde em territórios vulnerabilizados; 3) identificar fatores que possibilitem a formulação de tecnologias educacionais híbridas.

As desigualdades sociais são atravessadas por questões de gênero, raça e etnia, entre outros aspectos que historicamente se perpetuam, alimentando diferentes formas de opressão e exploração. É exatamente em territórios habitados principalmente por mulheres que ocorrem os maiores danos interseccionais, quando os problemas do sistema de saúde interagem com as vulnerabilidades preexistentes, afetando principalmente as mulheres negras (AKOTIRENE, 2019).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2019 aponta que o número de mulheres no Brasil supera o de homens. Ou seja, considerando uma população residente de 209,5 milhões de pessoas, as mulheres totalizavam 108,4 milhões (51,8%), enquanto os homens correspondiam a 101,1 milhões de pessoas (48,2%). A mesma PNAD Contínua identificou que as mulheres são maioria em 19 estados do Brasil. Um exemplo disso é a região Nordeste, onde elas representam mais de 50% da população em todos os 9 estados (IBGE, 2020). A PNAD Contínua também mostrou, com base na autodeclaração de cor da pele das pessoas (branca, preta, parda, indígena ou amarela), que 46,8% dos brasileiros se declararam pardos, 42,7% brancos, 9,4% pretos e 1,1% amarelos ou indígenas (IBGE, 2020). Portanto, somando o número de pessoas que se declararam pardas e pretas, pode-se concluir que a população brasileira é predominantemente negra. Na verdade, de acordo com o IBGE (2020), a região Nordeste tem a maior proporção de pessoas que se declararam pretas (11,9%) e a segunda maior que se declararam pardas (62,5%).

Além disso, nota-se que o maior número de mulheres pardas e pretas está nas regiões Norte e Nordeste. De acordo com Marcondes et al. (2013), a população feminina do Nordeste é composta por 69,9% de mulheres pardas e pretas e 30,1% de mulheres brancas. No entanto, representar o maior número não significa necessariamente ter mais e melhores oportunidades, e as análises feministas expõe bem a necessidade de "incorporar as diferenças sociais entre mulheres e homens e as diferenças territoriais nas relações de gênero" (MENDES, 2016, p. 108).

Nesse contexto, abordar questões de saúde, sob uma perspectiva agroecológica implica na valorização das organizações das mulheres negras e indígenas, fortalecendo suas formas coletivas de resistência, conforme discutido neste trabalho. Isso porque, dessa forma, é possível construir maneiras emancipatórias de viver que vão além das estruturas patriarcais e racistas que perpetuam a exploração econômica e a violência em muitas regiões do Brasil, causando adoecimento e morte.

Descrição da Experiência

A experiência técnica foi realizada de setembro de 2022 a fevereiro de 2023, em que se realizou um levantamento socioterritorial no QM por meio de observação de campo, roda de conversa, levantamento de dados e busca de informações pela internet. A atividade foi acompanhada de forma híbrida pelos técnicos da Fiocruz e da SES de Piri-piri (presencialmente e online). Foram utilizados formulários com 4 eixos: 1) condição socioeconômica dos moradores do QM, com especificação sobre as atividades produtivas desenvolvidas; 2) ações educativas no QM; 3) condições de saúde; 4) organização quilombola e participação feminina. Esse levantamento foi acompanhado por visitas ao



campo (figura 1), reuniões on-line periódicas (figura 2), com os participantes da equipe, tanto na elaboração dos formulários quanto na sistematização e discussão dos resultados. Presencialmente, a equipe técnica do Piauí realizou encontros com as lideranças locais e rodas de conversa com os moradores do QM (Figura 3).

Utilizou-se o referencial da pesquisa participante para que as pesquisadoras de campo pudessem refletir sobre sua própria realidade, propondo soluções. A metodologia utilizada baseia-se na ideia da construção compartilhada de conhecimentos, em que se valoriza e potencializa-se os saberes de todos os envolvidos, ao mesmo tempo em que, a partir do compartilhamento de ideias, busca-se contribuir para o alcance de soluções para os problemas cotidianos e formulação de conceitos e metodológicas inovadoras que favoreçam a superação de iniquidades em saúde.

Figura 1 – Reuniões on-line

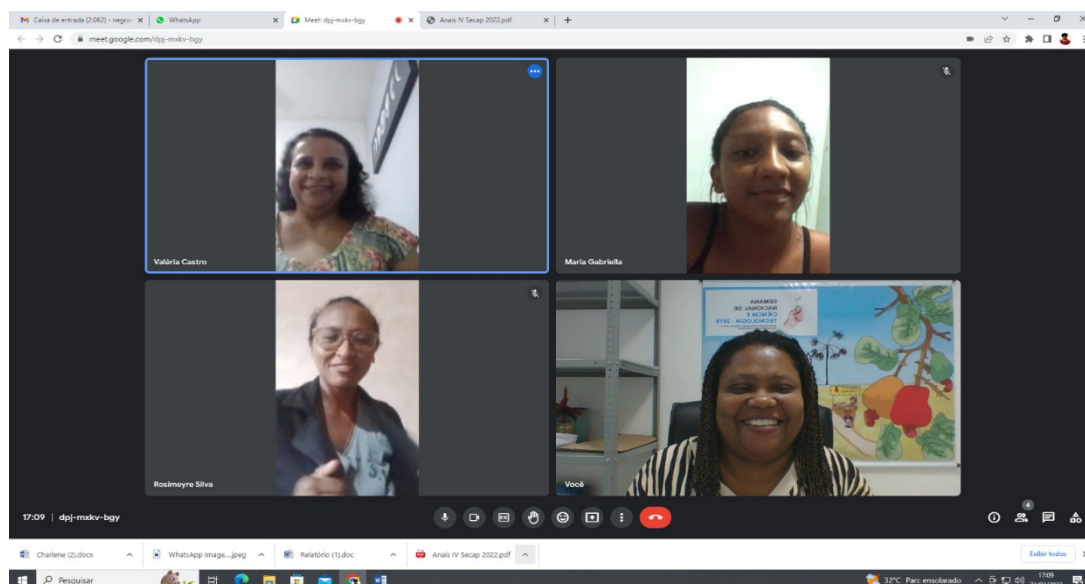


Figura 2 – Visita a Comunidade





Figura 3 – Roda de Conversa



Resultados

“O levantamento foi importante porque tivemos conhecimento que a nossa comunidade é rica em cultura e agricultura”.

A partir desta experiência, observou-se que a construção colaborativa de um roteiro de observação pode contribuir para pensar políticas públicas locais de vigilância em saúde sob uma perspectiva de gênero. A atividade mostrou-se relevante para qualificar a participação das mulheres do quilombo em relação ao enfrentamento de seus problemas, fortalecendo ações para construção de políticas em saúde e redes de apoio local. Para os técnicos, possibilitou uma maior aproximação com os territórios quilombolas e reflexões relevantes sobre a liderança feminina em relação a políticas de saúde territorializadas.

As mulheres do QM demonstraram capacidade organizativa e responsabilidade na realização da atividade, reconhecendo sua importância na promoção da saúde e de uma educação que valorize os conhecimentos tradicionais, inclusive, elegendo nesse período novamente uma representação feminina para liderança do quilombo.

Observou-se que é possível desenvolver atividades educacionais híbridas com mulheres de comunidades localizadas em regiões mais distantes dos grandes centros urbanos, apesar das dificuldades de conectividade. Portanto, melhorar os recursos de internet nessas regiões é um fator de grande relevância para a articulação de políticas setoriais locais.

A geração de renda ainda é um problema no território. A produção de farinha de forma artesanal é bastante significativa, porém, com pouca comercialização dos excedentes que possibilitaria mais recursos para a comunidade e as famílias. Isso tem acarretado o deslocamento territorial de moradores do QM por décadas, principalmente entre os homens, que vão trabalhar em outras regiões do país.

A experiência identificou que a organização feminina no quilombo pode contribuir para enfrentamento de desigualdades sociais históricas promovendo modos de vida sustentáveis, inclusive em relação a violência de gênero, o que está em consonância com os princípios agroecológicos de reconhecimento dos saberes tradicionais e de autonomia dessa comunidade.



Dessa forma, espera-se que com a experiência descrita, ocorram mais investimentos públicos de educação e saúde por parte das instituições envolvidas e outras, na perspectiva de valorização dos saberes e organização desses povos, para que haja condição de se manterem em seus territórios respeitando suas tradições.

Destaca-se algumas questões trazidas pelas mulheres do QM. São elas:

1) Educação:

No período de inverno, época em que caem as chuvas, há maiores dificuldades de locomoção. Inclusive, por vezes, os jovens precisam atravessar a nado o rio para chegar em outro povoado para estudar. Não existe barcos, canoas ou outros meios de transporte na região para que atravessem o rio quando necessário, pois é um rio de difícil navegação. Os jovens atravessam a nado e do outro lado trocam de roupa. Ressalta-se a importância de estudar, mas também das dificuldades, especialmente, o que ocorreu no período da pandemia. Destaca que as dificuldades de transmissão on-line e que o sinal de internet é muito irregular. A formação em Pedagogia predomina entre as mulheres do QM que concluíram o ensino superior.

Como temas a serem elencados como prioridade para educação quilombola, foram destacados: Direitos Humanos Quilombola; Resgate da Identidade Quilombola; Acesso à comunicação; minha saúde importa; oficinas vocacionais. Em torno de 10 a 20 pessoas que residem no QM não sabem ler ou escrever.

“A educação é uma porta aberta, onde você pode ser o que quiser, é só querer e acreditar, é uma coisa que ninguém pode tirar da gente”.

2) Saúde

Os problemas de saúde no QM apresentam ocorrência variada, tanto em relação a doenças crônicas, como hipertensão e diabetes, com sintomas agudos, dores de cabeça, síndromes gripais, diarreias, vômitos, como as emergências de outra natureza, como acidentes na lavoura, assim como, mordidas de cobras e outros animais.

No QM não há atualmente atendimento médico, sendo que para atender a problemas de saúde se procura recursos no hospital na cidade de Piripiri ou na unidade de saúde da Várzea, localidade em que é necessário atravessar o rio. Nesses atendimentos se observa dificuldades de atendimento em razão da alta demanda, mas também preconceitos em relação a população de quilombo, o que por vezes motiva a ocultação deste fato por parte de moradores. Muitos problemas, como exemplo, mordidas de animais e problemas mais leves são tratados com remédios e chás caseiros. A dependência química (álcool e drogas) é outro problema que preocupa as famílias, principalmente em relação aos mais jovens.

A ampliação de uma rede de agricultura familiar com base na cultura quilombola pode favorecer melhoria das condições de vida e saúde no QM com a venda de excedentes agroecológicos e de produtos artesanais e de higiene gerando mais recursos financeiros a comunidade.

No período da COVID evidenciou-se mais os problemas decorrentes da falta de atendimento médico na localidade, especialmente, com o fluxo de pessoas que trabalham em outros estados e retornaram ao QM. A vacinação para COVID-19 foi realizada, porém, a vacinação rotineira é necessária. Em relação à saúde da mulher, não há no QM nenhum atendimento específico ou atendimento para orientação sobre saúde reprodutiva. De modo geral, as meninas não recebem orientação sobre sua saúde, ficando a critério das mães. Algumas não tem acesso a absorventes higiênicos. Há parteiras tradicionais no QM.

Para melhorar o atendimento de saúde no quilombo, sugere-se: Atendimento regular no QM com atendimento de profissionais de saúde e acompanhamento médico e atendimento odontológico.



Agradecimentos

Programa Mulheres e Meninas na Ciência da Fiocruz (VPEIC-FIOCRUZ)
CCSP/FIOCRUZ
Escritório Regional da Fiocruz no Piauí.
GEREB/Fiocruz e Grupo da Terra
Secretaria de Saúde de Piripiri (PI)
Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas UFPI
As mulheres de luta do Piauí e do Quilombo Marinheiro.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BRANDÃO, Carlos R. **Pesquisa Participante**. Ed. Brasiliense, SP, 1999.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2019**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisanacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em 02 abr. 2021.
- PIAUI. Governo do Estado do Piauí. **Diagnóstico sobre o perfil da mulher piauiense no contexto atual**. 2021. Acesso em 25 de maio de 2022. Disponível em: <https://portal.pi.gov.br/cepm/wp-content/uploads/sites/23/2022/03/Diagnostico-daMulher-PI..pdf>.
- MARCONDES, Mariana; PINHEIRO, Luana; QUEIROZ, Cristina; QUERINO, Ana Carolina; VALVERDE, Danielle. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013.
- MENDES, Andréa; MILANI, Maria Luiza. **Inserção da mulher negra brasileira no mercado de trabalho no período de 1980 – 2010**. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 7, n. 2, p. 178 - 194, ago./dez., 2016.